

Deus e o Mal

por Joseph R. Farinaccio

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Uma das objeções à fé cristã mais frequentemente ouvidas, especialmente por parte de anti-teístas, é o que tem sido chamado de o “problema do mal”. A essência deste argumento é que a presença do mal neste mundo é inconsistente com o ensino da Bíblia de que Deus é tanto bom como todo-poderoso. Ambas as proposições são apresentadas para apontar uma suposta contradição lógica dentro da doutrina cristã com respeito ao caráter de Deus.

O filósofo David Hume descreveu o assunto desta forma: “Ele está disposto a evitar o mal, mas não é capaz? Então ele é impotente. Ele é capaz, mas não está disposto? Então ele é malevolente”. O escritor C. S. Lewis reformulou da seguinte forma: “Se Deus fosse bom, ele desejaria tornar suas criaturas perfeitamente felizes, e se Deus fosse todo-poderoso, ele seria capaz de fazer o que deseja. Mas as criaturas não são felizes. Portanto, Deus carece de bondade, ou poder, ou de ambos”.

O cético contende que se há um Deus que desejosamente permite o mal, então ele não pode ser bom. O próprio Deus seria sádico se permitisse tal coisa. Por outro lado, se Deus não é capaz de remover o mal, então ele não pode ser onipotente. De qualquer forma, é impossível concluir racionalmente que Deus pode ser *tanto* bom *como* onipotente em face da existência óbvia do mal. Visto que os cristãos afirmam que ambas essas características são parte da natureza de Deus, a questão que enfrentamos é: “Como é possível crer que Deus é tanto bom como onipotente em face de que existe o mal no mundo?”.

Quando considerando esta questão, é importante perceber que, para discutirmos o mal, o assunto deve ser estruturado dentro de um *contexto moral*. Isto cria um dilema imediato para o cético que considera o mal seriamente. Algum tipo de estrutura moral deve ser assumido no universo, o qual possa ser usado para determinar se algo é ou não “mal”. Todavia, tal estrutura apresenta exatamente o tipo de realidade que os oponentes do Cristianismo reivindicam ser inconsistente com o problema do mal. Isto faz com que o mal não seja um obstáculo racional à fé cristã de forma alguma. A realidade do mal é realmente um problema irracional para os cínicos.

Ao invés de simplesmente tomar a existência do mal como certa, os críticos devem explicar o mal *a partir da perspectiva da cosmovisão deles*. Isto é onde os anti-teístas encontram problemas significantes com sua própria lógica moral. O ateuista “afirma que ele pode, pelo poder da razão somente, chegar à natureza da moralidade e a uma lei moral satisfatória”.¹ Contudo, todas as tentativas de construir um universo moral aparte de Deus fracassam.

Qual estrutura moral deve ser apresentada para estabelecer julgamentos morais? Como os anti-teístas sabem, por exemplo, que as tragédias experimentadas por tantos neste mundo são injustas? Se Deus não existe, os eventos deste mundo são somente conseqüências de um universo randômico e casual. Todos os eventos, *quer alguém goste deles ou não*, não são bons nem maus. Eles são simplesmente o resultado de interações entre matéria e energia.

¹ Ravi Zacharias, *A Shattered Visage – The Real Face Of Atheism* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990), p. 139.

Algo é “bom” simplesmente porque um indivíduo decide que ele é bom? Se sim, então a crueldade de um homem pode ser tão boa como a generosidade de outro. Outras pessoas não podem julgar atitudes subjetivas como o racismo como sendo errôneas.

A aprovação ou prática da maioria determina a bondade? Se a maioria dentro de alguma cultura determina os padrões éticos para aquela cultura, então os julgamentos éticos sobre outras culturas do mundo sempre serão errôneos. Não haveria também nenhuma forma de saber se uma cultura pode ser ou não *melhor* do que ela é agora, pois isto apelaria a algum outro padrão que não o daquela cultura. Deve-se permitir que as influências ocidentais afetem o movimento para abolir oficialmente a prática de queimar as viúvas na Índia?

A tentativa de determinar o certo e o errado através da maioria também falha em distinguir entre *qual é* o caso de qual *deveria ser* o caso. “É necessário assumir a ética desde o início para se mover de um ‘é’ para um ‘deve’”.² Isto implica que há princípios morais que são mais altos do que as opiniões da maioria ou os padrões culturais. Simplesmente porque os antigos astecas *praticavam* o sacrifício de crianças durante certos rituais pagãos não significa que eles *deveriam* praticá-lo.

Algumas pessoas definem a justiça moral em termos do que traz o maior “bem” para o “maior número” de pessoas. Mas esta resposta utilitária simplesmente apresenta um argumento circular. O que é “certo” é apenas substituído pelo o que é “bom”. Mas a pessoa ainda permanece sem a resposta para o que significa “bem”. Deve ser perguntado também: “Como alguém pode prescrever um princípio moral, ou a falta de um, sem justificar a autoridade da fonte?”³

A questão de definir a bondade na ética está no cerne da questão dos direitos humanos. A suposição por detrás dos direitos humanos é que o homem tem certos direitos fundamentais que nem mesmo o Governo pode violar. Mas todos os tipos de teorias morais humanistas falham em fornecer a base filosófica para os direitos humanos universais. Se os direitos não são derivados de uma autoridade mais alta do que o Estado, então o valor da vida humana e da liberdade dos seres humanos é dependente dos caprichos dos seus governadores civis. “Somente quando Deus concede direitos é que alguém é proibido de tirá-los de outro alguém”.⁴ Se os direitos originam com o homem, eles podem ser tirados pelo homem.

O Cristianismo ensina que a lei moral está fundamentada no próprio caráter e natureza de Deus. Algo não é *bom* porque Deus arbitrariamente determinou que não é bom. Nem Deus decretou que algo é bom porque há algum padrão cima dele, ao qual ele deve se conformar. Deus é bom, e visto que o homem foi criado à imagem de Deus, o caráter do homem deve refletir o caráter do seu Criador (1 Pedro 1:15-16).

Se a cosmovisão de um cético não pode *explicar o mal*, então qualquer acusação contra a onipotência ou benevolência de Deus sobre a *presença do mal* neste mundo não tem sentido. Não há nenhum universo moral sem um padrão moral fundamentado no caráter transcendental e imutável de Deus. Sem isso, nada é verdadeiramente mal, e, portanto, não há nenhum problema do mal. Para tornar o mal um problema, os antagonistas devem

² Kenneth D. Boa, “What Is Behind Morality,” *Living Ethically In The 90’s* (Wheaton, Ill: SP Publications, J. Kerby Anderson, ed., 1990), p. 40.

³ Ravi Zacharias, *Can Man Live Without God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1994), p. 14.

⁴ Bob Slosser, *Changing the Way America Thinks* (Dallas, TX: Word Publishing, 1989), p. 148.

depende da cosmovisão cristã, a qual fornece uma base genuína para o mal, para então tentar refutar a cosmovisão cristã.

A existência de Deus é uma precondição para o *conhecimento tanto do bem como do mal*. Sem Deus há somente eventos não-morais e randômicos que ocorrem neste mundo. Alguns deles podem ser pessoalmente indesejáveis, mas eles não podem ser classificados como maus.

Alguém ainda pode perguntar: mesmo que o mal não possa ser explicado *aparte da cosmovisão cristã*, não há uma contradição *dentro* da cosmovisão cristã? Está é uma pergunta genuína, mas alguém que a fizer deve estar disposto a ter em mente que a Bíblia não oferece ao homem uma resposta *abrangente* para muitas perguntas, incluindo esta. Ela oferece uma resposta *significante* dentro do *contexto* da própria cosmovisão cristã.

A Escritura não somente se refere a Deus como todo-poderoso e bom. Ela também ensina que ele é onisciente ou conhecedor de todas as coisas. O homem, contudo, tem uma limitação metafísica em seu conhecimento. O Deus infinito conhece abrangentemente coisas que o homem finito não conhece. Devemos aceitar o fato de que, como criaturas finitas e caídas, enfrentamos obstáculos cognitivos e morais que nos impedem de compreender plenamente o porquê Deus escolheu, em sua onisciência, permitir o mal e suas influências neste mundo.

Quando o homem se aproxima do assunto do mal, ele deve perceber que ele mesmo está infectado com o próprio mal que ele deseja usar como um problema para questionar a bondade de Deus. É evidente a partir da Escritura que Deus permite o mal e o sofrimento para alcançar certos fins. Estes fins poderiam envolver salvar homens caídos e efetuar mudanças dentro dele para o seu bem último? O mal pode ser algo que Deus permite em relação à natureza caída presente do homem, para o bem último do homem?

Deus escolheu permitir o mal neste mundo por razões moralmente suficientes conhecidas somente por ele. O homem não está numa posição ética nem intelectual para entender o plano eterno de Deus para a história. Deus permitiu o mal entrar no mundo através de causas secundárias como parte de um plano abrangente que ele revelou somente parcialmente nesta nossa vida. Os caminhos de Deus são justos e ele nos chama a viver nossas vidas pela fé e a confiar nele, assim como Adão e Eva foram criados para agir assim (Isaías 45:21).

A Bíblia registra que quando Jó perdeu sua família, saúde e prosperidade, ele desejou saber o porquê, mas Deus não lhe deu as respostas que ele buscava. Pelo contrário, Deus fez com que Jó percebesse a futilidade de tentar compreender plenamente as operações de um Deus infinito. Ele também percebeu que ele devia confiar no Senhor, a despeito das circunstâncias temporais e trágicas. A soberania de Deus é uma realidade bíblica, e o ser humano existe numa relação subordinada a ela. A presença do mal neste mundo não é um problema *lógico* para o Cristianismo. Ele é um problema *físico* e *emocional* para todo mundo que vive presentemente neste mundo, incluindo os cristãos.

É plenamente consistente com a cosmovisão cristã crer que um Deus infinito tem um plano maior para o homem do que o homem finito é atualmente capaz de conceber. Embora Deus não compartilhe conosco as razões pelas quais ele escolheu permitir o mal neste mundo, ele nos assegura que ela é uma *condição temporal* à luz da eternidade. Os cristãos têm um refúgio e esperança nas promessas eternas de um Deus que é fiel e

verdadeiro à sua Palavra. Eles olham para frente, para um futuro onde o mal será finalmente extirpado, e onde as questões últimas serão plenamente satisfeitas com o conhecimento completo que pode vir somente de Deus.

Fonte: *Faith with Reason*, Joseph R. Farinaccio, p. 63-68.